

Secretario da Redacção  
DR. CONSTANTINO CUMANOEditor  
MARIO BRANCOComposto e impresso na  
TIP. REGIONAL EDITORA, L.ª - FARO

# A IDEIA

# REPUBLICANA

SEMAMARIO

Director: DR. ANTONIO AGOSTINHO

ADMINISTRADOR  
MARIO RIBEIRO BENTO  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Praça Alexandre Herculano, 26  
Propriedade do Grupo Editor de  
«A IDEIA REPUBLICANA»

## Explicação necessária

Porque cessou o motivo que, ao continuar, nos inibia de publicarmos o jornal com a devida regularidade, continuamos sem de falecimentos no caminho enlaidado.

Sentindo a necessidade dum franco e leal entendimento entre todos os republicanos, para bem da República; julgando indispensavel uma melhor orientação em todas as classes sociais e em todos os grupos

Mandem fazer os vossos impressos na Tip. Regional Editora.

políticos, para bem da Grei; o nosso ardor, não succumbirá perante dissabores que por acaso nos surjam.

Se aninhã as condições materiais do jornal nos inibirem de continuar, havemos de levar cá dentro a consciencia de nunca termos atraído a missão que nos impuzemos—

Se não levarmos saudades, também não levaremos remorsos.

## Cavalheirismo espanhol

Alguns estudantes do Liceu de Faro, foram a Ayamonte no domingo passado jogar um desafio de «football» com um team daquela terra andalozia.

Não trouxeram uma victoria (perderam por 2 a 1) mas veem verdadeiramente sensibilizados com a maneira cavalheiresca por que foram recebidos, quer pelo nosso consular, quer por «nuestros hermanos e hermanas» daquela risonha povoação.

Porque temos o prazer de conhecer, por experiencia própria, a maneira fidalga como em Ayamonte os portugueses são recebidos, não nos admiramos das magnificas saudades que os nossos rapazes trazem nem, muito menos, da sua profunda gratidão; e queremos aproveitar o momento para apresentar aos habitantes de Ayamonte, por esse facto, os nossos melhores agradecimentos e os protestos da nossa mais elevada consideração e fraternal simpatia.

## Sanatório Distrital

Devem ser deslumbrantes as festas projectadas, nesta cidade, para o proximo mês de Junho, em beneficio do Sanatório Distrital.

Destinadas a arranjar fundos que permitam a realização daquela obra benemérita, estamos certos de que toda a provincia acorrerá ás festas com todo o entusiasmo e carinho prestado-lhe não só o concurso da assistência, mas contribuindo também, generosamente, com os seus donativos.

São brilhantes os números do programa e deverão chamar a Faro inúmeros torasteiros. Mas não menor atractivo é a vinda, nessa data, dum tanker dos Serviços Aéreos Portuguezes, que fará vôos sobre a cidade e arredores, a preços ao alcance de todas as bolsas.

A nacição para estes vôos, que deve ser imensamente concorrida, está aberta na Redacção do nosso prezado colega «Moca».

# Os palhaços

Os mortos não estão mortos, mas vivos

TENNYSON

Ao meu querido R. P. que quer viver heroicamente

Abro os olhos e vejo-os diante de mim, dos que me circundam os mais queridos. São a consciencia deste vasto e diverso e complexo universo. Em effigie ou pensamento todos aqui estão os meus queridos mortos—os «companheiros eternos». O seu verbo é luz actual, é facho imorrédoiro. Não estão mortos, não, mas vivos. Todos vivem alem, todos vivem em mim, e eu sinto a sua dôr de viver e ser efemero e ser imperteito, revivo a inquietação da sua dúvida, procuro com eles a trajectoria da seta despedida pelo arco tenso da intelligencia humana.

Um a um me aparecem, agora ou logo, hoje ou amanhã, a seu tempo e hora própria. Lá está o poeta que aconselha a fazermos em silêncio o nosso nobre e pesado labor. Caro Vigny, como eu entendo a angustia da tua alma! Ouvi, ouvi, a busina de Rolando ao fundo do vale. O bravo, o indomavel cumpriu o seu dever, cobrindo a marcha dos herois. Com a barba branca de sileno velho o subtil gaulés abdica um momento da sua intelligencia para fazer brilhar a luminosa ironia. O velho Socrates e Platão com êle fazem grupo, mostrando-nos que o tempo é ilusão dos sentidos e o entendimento humano fluxo ininterrupto e eterno.

Aqui onde estou sentado, mesmo junto, acorda o mais eloquente verbo e perora ao meu ouvido a sua mais bela oração. Mais longe um dos nossos, dos que construíram a nossa santa liberdade, e quantos e quantos dos seus defensores lá estão! O desiludido de Vale de Lobos, o suicida de S. Miguel, os vencidos pela vida, que, querendo destruir todo o seu ideal, lhes pôs na boca o selo do silêncio. Vive porém em mim o seu espirito e este mundo de milhares de mortos que me cerca tem maior realidade, mais vida

do que a outra vida que me anuncia aquele raiozinho de luz entrando por sob a minha porta cerrada.

Quando a escancarar e olho para a paisagem que envolve o meu pequenino mundo de sonhos, mal distingo as formas e os contornos na crueza da luz. Mas a pouco e pouco os olhos habitam-se á vida que principia a agitar-se e começo a ter percepções nitidas. Aqui um grupo de seres, mais alem outro, e outro e outro. Todos se movem e nos dão a impressão de seres vivos. Atento mais nuns quantos para discriminar caracteres. Há variedade de tórma e muita côr, côr alacre, berrante. O movimento anima-se. Nos outros grupos também. Mas que diversidade e desencontro de gestos. Tomam impulso e lançam-se, saltam, correm, contorcem-se cabriolam. Há bolas, arcos, cães, um pano grande e sujo estendido pelo chão. Há! são palhaços, sem circo ou barraca fixa; palhaços ambulantes. E mais, e mais, afinal todos, em todos, os grupos...

Mas quão numerosos, que quantidade, multidão de volatins, clowns, saltimbancos, funâmbulos, pantomineiros, charlatães de feira, com pelias e marombas e caniches amestrados e macacos sábios! E outros se juntam e outros veem e acorrem e fazem roda. E a multidão cresce e o charivari aumenta. Disforme, maior, muito maior do que o de Laura Knight exposto agora na Real Academia de Londres. Olha aquele, olha aquele, gordo e grotesco, equilibrando na ponta do nariz a carapuça piramidal de feltro branco. É outro magro e quichotesco, fazendo dançar um pequeno urso. E outro anão de fato *chamarrado* de remendos de todas as côres e guisos, fazendo gaitonas a um jogral gigante, envolvido este numa roda de truões e bôbos e farcistas. Sobre dois paus distantes um elegante volteador

pisa cautelosamente a maroma sem necessitar de maromba. Parece mestre na arte. Um histrião bebado está por terra, olhos semicerrados, cabeça pendida sobre o ombro, face afogueada e a lingua de fóra. E longe de todos os grupos, reconciliados dos seus arrufos, Pierrôt e Colombina olham-nos com melancolia.

Mas nem todos parecem da mesma carne. Os que agora vislumbro teem movimentos rigidos e semelham bonecos articulados de pau.

Foi para eles que Antonio da Silva, o Judeu, fez o seu teatro de bonecos e se escreveu todo aquele teatro de cordel que por então floresceu entre nós. Pela Alemanha do Romantismo também o Wilhelm Meister de Goethe encontrou nas suas jornadas uma troupe teatral de bonecos. Mas essa arte passada não corresponde hoje mais exactamente á realidade da nossa vida? Pois os Esperpentos de Valle-Inclan, as Gregarias de Gomez de la Serna, e o teatro de Bernard Shaw, e o *ballet* russo de Strawinski e os desenhos dos mais modernos illustradores como Edy Legrand e Gabriel Belot, e as decorações e pinturas de Raul Dufy e a arte construtivista dos modernos russos e a desconjuntada prosa futurista que são senão uma arte de bonecos para bonecos, de palhaços para palhaços?

Ela não é senão representação do movimento filho deste século, do mobilismo rápido das coisas e dos homens, e apenas quere traduzir um gesto preciso no momento mesmo em que êle acaba de se produzir, com um máximo de significação, lembrando os actos que o precederam e deixando advinhar os que se vão seguir, em resumo, a *vita in motu*. Nada de fixo, nada de firme, nada de eterno. S. C.

## José Joaquim Gonçalves

Faleceu, no dia 12 do corrente, em Olhão, onde desempenhava o lugar de secretário de finanças, este honesto republicano.

O extinto, que contava numerosos amigos, era um exemplar chefe de familia e um funcionario modelar.

A toda a familia enlutada e muito especialmente a seu filho, o nosso amigo, Mario Gonçalves, manifesta, mos sinceramente o nosso grande pesar.

## U. P. A.

Fica adiada para a proxima terça feira a palestra sobre a India portuguesa que, por motivo de força maior, não pode efectuar-se amanhã, como fóra anunciado.

## RESPIGANDO

O bem que se faz aos homens, por maior que seja, é sempre transitório; as verdades que se lhes revelam é que são imortais.

CUIVIER

Politica é a arte de aplicar a um povo aquella porção de ideal que as circunstâncias tornam possivel.

CANOVAS DEL CASTILLO

Não há religião mais sublime do que a da verdade.

DIVINA DOS MAHARAJÁS DE BENARES

Para o pensamento não há cadeias.

ROYER COLLARD

O entusiasmo é bom porque eleva o espirito; mas a critica é melhor porque o esclarece.

ANTERO DO QUENTIV

## «Novela para todos»

Recebemos e agradecemos o numero 3 desta sensacional revista que há pouco iniciou em Lisboa a sua publicação.

Inserindo em cada numero vários contos escolhidos de autores consagrados, a «Novela para todos» não pode deixar de ter um êxito brilhante, tanto mais que o custo de cada tomo é apenas de 1\$50.

Encontrando-se á venda em todas as livrarias, é edição da «Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia»—Largo de S. Domingos, 11, Lisboa—a quem devem ser feitos todos os pedidos.

## Edilidades

Um dos defeitos que muitas vezes temos notado na nossa administração, quer se trate dos negócios de uma comuna quer duma colónia, é a errada hierarquia nas despesas.

Defeito psicológico este da raça, difficil será estripá-lo da nossa gente, a não ser por uma longa e cuidada educação, feita por quem possa a um tempo incarnar a doutrina e o exemplo, em carne e osso.

Ir ao animatógrafo deixando os filhos rôtos e descalços no lar, comprar um chapélico não tendo cadeiras em casa, comer sardinhas e sôpas de café para comprar um casaco catita, são casos frequentes na vida dos portugueses de Melgaço ao Cabo de Santa Maria.

A falta de tacto administrativo que transformou logo as nossas descobertas num bom negócio de flamengos e mais tarde de ingleses, é mais do que português porque é Ibérico. Um escritor espanhol, Blanco Fombona, nos conta que certo rei de Castela, que ficou na história com o nome de sábio (só não saberia de contas), querendo um dia comer numa estalagem do caminho, não se fiou d'êle o estalajadeiro, depois de saber quem era o seu importante hóspede.

O que pelo burgo temos visto afirma-nos que neste lugar como por muitos outros a regra se mantem.

Se com olhos desapassionados dermos uma volta pela cidade e miuda e reflectidamente observarmos o que se tem feito e está fazendo, concluiremos que o ornato sobreleva o plano.

O essencial não é fazer muitas coisas, e muito menos coisas grandiosas; o tino está em, com os nossos magros recursos, realizar só obras de necessidade certa, essenciaes, de primeira importancia, com a mais rigorosa economia.

Plantações d'árvores em ruas cujo pavimento é impróprio duma cidade; buacos no empedramento dos passeios em muitas esquinas (perigosissimos para os transeuntes) e calcetamentos de fantasia a alindar praças; pô pelo ar inundando as habitações e postes novos de iluminação, que importancia tem?

Já aqui dissemos que o que neste momento grave sobretudo importa é realizar obras de saneamento e hygiene, de educação de defesa da infancia. S. C.

## Muito abrigados

A todos os nossos prezados colegas agradecemos reconhecidamente as boas palavras e desejos que, por motivo da nossa anunciada suspensão, tiveram a gentileza de nos dirigir.

## EDUCAÇÃO E ENSINO

Não ensineis aos outros coisas que os não interessam e que não possam compreender

### Bases para um projecto de reforma do ensino

I

O erro fundamental do ensino primário está no seu carácter universalista.

Todas as disciplinas do curso geral dos liceus, à excepção do latim e das línguas vivas, lá estão compreendidas nos seus programas. De modo que, pretendendo ensinar-se muitas coisas acaba-se por não ensinar coisa nenhuma.

Já é muito obter das crianças, ao cabo de alguns meses após o exame de instrução primária, que saibam ler e escrever.

Para quê, pois, tão grande perda de tempo e de trabalho da parte do mestre, sem vantagem nenhuma para as crianças, muito ao contrário com o sacrificio inútil das faculdades da sua inteligência incipiente?

O critério com que se tem legislado neste melindroso capítulo é tão desprovido de segurança que há bem poucos dias os jornais da capital transmitiam a ordem de não interrogar nos exames de instrução primária, em sciências naturais, em física e não sabemos em quê mais. Isto é prova de que ou o ministério da instrução entendeu que os programas, tais como estão, massacram o espirito das crianças ou que os pais das crianças massacradas fizeram chegar a calamidade até ás instâncias superiores que, desta vez, os teriam atendido.

Fica-se com a impressão de que cada vogal das comissões de reforma, tem a preocupação de meter tudo quanto sabe dentro dos programas. Ora, o facto é que se o que esse sabe poderia ser considerado como insuficiente em relação a ele, pelo que respeita ás crianças tem que ser considerado excessivo.

Se nos fosse dado a nós emitir a nossa opinião nós diríamos apenas: a instrução primária tem que se limitar ao ensino do ler, escrever e contar. Tudo o mais é fantasia. E' preciso que tomemos em linha de conta principalmente os meios que o estado põe ao alcance do mestre, a pobreza das escolas, a deficiência do material didático (para algumas escolas, a sua não existência) e as preocupações materiais do pessoal docente, que, já aqui o dissemos, se vê forçado a procurar fóra da profissão o que lhe falta para se poder sustentar. Nas actuais circunstâncias, o ensino primário não pode ir mais além.

A parte a desculpavel vaidade dos pais e a sua ansia de ver os filhos frequentando, tão pequeninos, os liceus, babando-se de satisfação ao vê-los de capa negra a dar-a-dar, cabeinha romântica ao vento e os livros (às vezes tão sujos!) debaixo do braço—á parte isso, disíamos, devemos concordar em que a criança entrando aos nove anos para o liceu, entra demasiadamente cedo. Demasiadamente cedo para o ensino vasto e complexo que ali se lhe deve ministrar.

## As primeiras nuvens

Os jornais de Lisboa inserem o seguinte telegrama:

ROMA, 14.—«Nos círculos oficiais do estado do Vaticano causou grande surpresa o discurso pronunciado na Camara, pelo sr. Mussolini, sobre o pacto de Latráo.»

A parte do discurso do sr. Mussolini a que este telegrama se refere é a seguinte:

«Repetindo as palavras pelas quais o relator Solmi terminou o seu discurso no sabado.—«Igreja livre e Soberana e Estado livre e Soberano»

«Mussolini disse ser urgente esclarecer as ideias que podem dar lugar a equívocos. Esta formula, disse Mussolini, poderia fazer crer que houve co-existencia das duas soberanias. Uma coisa é a cidade do Vaticano, outra coisa é o Reino de Italia que é o Estado Italiano. E' preciso compreender que entre o Estado italiano e o Vaticano há uma distancia que pode ser avaliada em milhares de quilómetros, mesmo, se por acaso bastam cinco minutos para ir ver esse Estado e dez minutos para lhe percorrer as fronteiras. Ha, pois, duas soberanias bem distintas, bem diferenciadas e perfeitamente e reciprocamente reconhecidas. Mas, no Estado a Igreja não é Soberana nem livre. Não é Soberana porque, como diz Dante, a «contradição não o consente», não é livre porque nas suas instituições e nas suas pessoas está sujeita ás leis do Estado e ás clausulas especiais da Concordata. E' por isso que a situação pode ser assim definida:

«Estado Soberano no Reino de Italia, Igreja catolica com certas regalias lealmente e voluntariamente reconhecidas, liberdade de outros cultos.»

## Uma carta

Do sr. Francisco Martins Carrilho, de Loulé, recebemos com o instante pedido de publicação, uma carta que, por motivos de força maior, não podemos publicar.

Ela refere-se a uma questão havida entre o signatário e um outro, questão em que o sr. Carrilho afirma não ter as responsabilidades que lhe são atribuidas o que nos é também garantido por amigos que nos merecem a maior consideração.

## A. M. PAULA

Cirurgião-Dentista

Rua Conselheiro Bivar, 15 1.º

Surge agora um problema que só a Escola Primária Superior pode resolver, porque a criança não deve interromper a sua educação. Bem entendido que não nos referimos ás escolas organizadas á semelhança das que foram caprichosamente criadas há alguns anos e há poucos anos extintas. Referimo-nos sim a escolas com esse nome, organizadas porém segundo um critério exigido pela natureza do ensino e pelo fim educativo que elle visa.

E' agora oportuno dizer que o erro fundamental de que o enfermavam as nossas escolas primárias superiores consistia em terem sido criadas antes de se haver organizado o necessário pessoal docente. Para isso tudo indica que se mandassem algumas pessoas de responsabilidade a estudar a sua organização. Essas pessoas viriam depois e organizar-se-hia uma escola modelo. A medida que o pessoal idóneo fosse aparecendo, as escolas iam sendo criadas. Assim é que estaria certo e não doutra maneira.

J. Dentinho, J.º

## Regresso

Inútil era, enfim, um só momento  
Na Praia vêr-te, pálida deidade,  
Que trouxeste no olhar o pensamento  
De um distante País de saúde...

Menino vindo, em nau, da imensidade,  
Na areia achar um berço por alento  
Numa concha do mar, que a tempestade  
Da sorte má, levou na asa do vento,

Sómente, oh! meu amor, quando no Espaço  
Cantando, as cotovias em anêlo  
Voarem, no Azul, ao teu regaço,

Irei na Via Láctea navegar,  
Tendo á minha direita o Sete-Estrêlo  
E vendo-te sorrir entre o luar.

Abril-1929

F. P. de Azevedo.

## A Educação para a paz

O problema da paz está hoje na ordem do dia em todos os países civilizados. Havendo sido pedidas algumas palavras a esse respeito por um jornal de jovens pacifistas franceses, A. escreveu um artigo de que recortamos e traduzimos os seguintes trechos:

Parece-me que nunca deveremos esquecer que a guerra faz parte de um sistema de hábitos e de ideias sobre a vida social, sobre a moral e sobre a educação, e que, para a suprimir, cumpre reformar todo o sistema de costumes e de ideias a que a guerra está ligada.

Uma destas ideias ou tendências psicológicas que fazem parte do sistema social que leva á guerra é a superstição da autoridade imposta pelos meios exteriores.

Para que possamos chegar á paz, releva que em todos os campos esta superstição da autoridade imposta seja substituída pelo ideal da disciplina interior, da autonomia.

A autoridade exterior e imposta suscita naturalmente um sentimento de reacção no individuo que a sofre. Pode esta reacção não se manifestar em actos: não deixa por isso de envenenar a nossa alma e de falsear as nossas ideias. A autoridade exterior consegue estabelecer a paz, sim, mas é sempre uma Paz suportada, uma paz material e visível, um simples equilibrio material de forças que se contrapõem: não é a calma que resulta da própria ausência de oposições, não é a paz espiritual, a paz verdadeira e total, e, portanto, definitiva.

Creio que, para chegar verdadeiramente á paz, é necessario estabelecer nas escolas o regime da autonomia dos estudantes. A escola deve afincar-se na ideia de realizar o mais possível aquele preceito de Jesus Cristo: «Sabeis que os príncipes das nações as dominam, e que os chefes exercem poder sobre elas; mas não sucederá assim entre vós».

A autonomia dos alunos pode realizar-se tanto no domínio dos estudos como no do govêrno da comunidade escolar.

Em algumas escolas avançadas os alunos não são submetidos a um programa uniforme e rígido; reúnem-se á sua vontade em pequenos grupos, constituídos pelos que, em um momento dado, se interessam pelo mesmo assunto, ou pelos que sentem afinidade entre si. Colocam-se juntos onde querem, e estudam em comum e com paixão, pois que o trabalho satisfaz nesse caso a uma verdadeira necessidade espontânea do aluno, a um autêntico interesse psicológico deste ultimo.

Ora, notou-se que este trabalho em comum, realizado por interesse verdadeiro e pela investigação voluntária e livre, dá ao espirito do estudante uma calma profunda, põe-no em um estado de concentração espiritual, de paz consigo próprio e com o próximo. Deixa de haver na alma essa falta de unidade que resulta da divisão da atenção, do facto de que o nosso trabalho está de um lado e o nosso interesse psicológico espontâneo está de outro lado. A educação pela liberdade é a educação pacifista profunda, porque destrói a própria raiz dos estados de espirito que levam á guerra...

(Do n.º 157 da «Seara Nova»)

## Carta

dos estudantes de Faro e professores que os acompanham ao Consul português em Ayamonte

Senhor Consul, Amigo:

Nós, sr. Consul, aquele grupo de rapazes, professores e estudantes, que encontramos V. Ex.ª no domingo á tarde em Ayamonte, por aquele simples principio de amor que nasce do nada, criando-se a si mesmo, pois se excede a si próprio ao abrir os braços que se abrem procurando outros, nós agora que o Guadiana nos separa, crescemos nas saudades e a Saudade é uma confissão de amor... Nós lembramo-nos de Ayamonte através daqueles rolos de ondas de azul quasi negro que o sol andaluz beijava ao nascer.

Os rapazes foram jogar feitos sonhadores do ideal atlético de Fídias.

Os deuses que eles estudam nos Lusíadas, foram proporções de harmonia divina, esculpida na beleza forte dos corpos nus, sadios e contentes na companhia de uma Natureza amiga.

Esta necessidade de os estatuarios helénicos configurarem os seus deuses sob formas de corpos humanos em atitudes atléticas, faz-nos sentir o sonho de que é feita a vontade de os rapazes disputarem vitórias de força.

As contracções dos musculos na face do herói que se esforça são vestígios desse esforço supremo da humanidade para abraçar o Céu.

E a humanidade grita e vence, chora e é derrotada, e afirma sempre, peia Arte, a beleza de uma vida que merece ter vivido em sacrificio ao Ideal.

O jogo da força e da destreza hábil, como a forma de uma beleza que sabe fugir para ser desejada a mostrar-se, é sem duvida a afirmação de um sentir e anseio místico de uma raça que deixou os campos de Alcacer-Kibir juncados de tantas guitarras como lanças.

Encontrarem-se num desafio de foot-ball lutadores portugueses e hespanhóis significa, pois, que está viva na alma dos dois povos aquela ideologia que nos poemas de Camões e Cervantes afirma a eternidade de duas Pátrias, de que se guardou a memória gravada pelo génio no bronze das estrofes.

E porque viva está essa ideologia dos dois povos, viva está também em nós, Senhor Consul, a vossa lembrança de vir como nosso Amigo, comungando nos nossos ideais, sentar-se á nossa mesa ao jantar, ali, entre os rapazes, como se duas saudades se buscassem para se sentirem maiores ao separar-se.

Sim, foi por isso que V. Ex.ª veiu para junto dos rapazes conversar, porque viva está essa maneira livre de sentir e de aspirar, porque livres nos sentimos ao contacto das livres aspirações da mocidade, que é a onda da espiritualidade activa, que sobe e que vence a onda da materialidade ameaçadora.

E porque assim convivemos, a V. Ex.ª como português também, pedimos todos nós que a mesma

## Imprensa

Como todos os países, Portugal também possui aquilo a que se chama «grande imprensa», jornais que pelo volume da sua tiragem, muito podiam concorrer para a boa orientação do público.

Não sucede, porém, assim.

Os jornais portugueses que, na virtude da sua progressiva organização, maior venda fazem, parecem não ter a consciencia das suas responsabilidades ou não quererem aproveitar, num bom sentido, a grande força de que dispõem.

Assim, fazendo o relato mais minucioso e deletério dos factos menos convenientes, são dum inexplicavel laconismo para aqueles que mais conviria propagar.

As vezes tratam uma ou outra questão vital para o país. Mas fazem-no por maneira e são por tal forma reputados que o público não os acredita, vendo apenas, no que escrevem o «jogo» das empresas a que estão enfeudados.

Quem não se lembra do caso de Angola e Metropole e do ardor com que foi tratado?

Pois embora se tratasse dum crime gravissimo que podia atectar irremediavelmente o Estado, o publico só não teve relutância em o acreditar, e tomar a sério, depois das autoridades intervirem no assunto.

E ainda neste importante caso quantas afirmações gratuitas se não garantiram com a mais criminosa leveza e (pior ainda) com a mais prejudicial impunidade?

Por esta forma a imprensa portuguesa tem conquistado o maior descrédito, inutilizando-se completamente para o desempenho da nobre missão que, numa democracia, não pode deixar de lhe ser confiada.

A culpa? A culpa, queremos acreditá-lo, é mais dos anónimos que a financiam do que dos conhecidos que figuram como seus directores ou redactores.

Mas seja de quem for a culpa, (não é necessario sabê-lo) quem quiser electivar a indispensavel remodelação nacional, terá de colocar os nossos grandes jornais perante este dilema: Transformarem-se radicalmente ou sujeitarem-se a uma expropriação por utilidade pública.

## Incêndio

A' hora do nosso jornal entrar na máquina, manifestou-se incêndio na garage-officina «Auto-Lisboa» da rua de S. Luís, propriedade da firma «Labeçadas & Santos, Ld.ª».

Acudiram prontamente as duas beneméritas corporações de bombeiros que habilmente atacaram o fogo, conseguindo dominá-lo.

## Tip. Regional Editora L. da

Trabalhos tipograficos em todos os generos

RAPIDEZ PERFEIÇÃO ECONOMIA

Cartões de visita desde 600 o cento

Largo Alexandre Herculano

FARO

## Officina de barro ordinário

e em v'dro e tudo o que diz respeito á sua arte, de Manuel Francisco dos Santos (em frente da Carreira do tiro)

== F A R O ==

afirmação de dívida de amizade que lhe teste munhamos, a queira transmitir a uma cidade que dançou toda a noite por esses bairros e escreveu «recuerdos» na fita de uma capa do «más hermoso estudiante português» e que para ela vai a alma que vibra sob a capa do *Estudante desconhecido* que é a nossa alma comovida.

Faro, 15 de Maio de 1929.

F. P. DE AZEVEDO

NOTÍCIAS DE "A IDEIA"

Em casa de seu cunhado, o nosso prezado assinante sr. Viriato Teles Henriques, tem passado bastante incomodada de saúde a sr.<sup>a</sup> D. Juheta de Carvalho Rebelo.

Regressou de Lisboa a sr.<sup>a</sup> D. Maria Clementina da Cunha Esteves de Andrade e Silva, esposa do sr. tenente Andrade e Silva, immediato da canhoneira Bengo. S. Ex.<sup>a</sup> veio acompanhada de sua mãe, a sr.<sup>a</sup> D. Clementina da Cunha Esteves, que vem passar alguns dias nesta cidade.

Vimos em Faro o sr. capitão João Mendes Cabeçadas.

Esteve alguns dias entre nós o sr. dr. Humberto Pacheco.

Tambem vimos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. Clemente da Silva.

Encontra-se há dias em Faro o sr. Joaquim Carrilho, importante industrial e proprietário em Almodovar.

Partiu para as Caldas de Monchi que de onde segue em digressão para a Madeira e Açores, o nosso prezado assinante e valioso democrata sr. Antonio Ortigão.

Tem estado em Faro o nosso prezado amigo sr. João de Sousa Dias Uva, importante proprietário em Alcaccer do Sal.

Vimos em Faro o sr. dr. Mariano Ascensão, dignissimo contador da comarca de Loulé.

Estiveram tambem nesta cidade os srs. dr. José Pedro, Joaquim Leal e Estelita Leal, de Loulé.

Regressaram de Coimbra os srs. drs. Miguel Roldan Ramalho Ortigão e Filipe Cesar Augusto Baião, que ali tinham ido á costumada reunião dos respectivos cursos.

Esteve em Faro o sr. Francisco do Rosário, nosso prezado assinante de Alcoutim.

Vimos nesta cidade o sr. Artur Gomes Pablo, de Loulé.

Regressou de Lisboa o nosso prezado colaborador e amigo, sr. José de Sousa Uva Junior.

Acompanhando um team de football formado por estudantes do Liceu Central de João de Deus, toram a Ayamonte os illustres professores do Liceu, srs. drs. Francisco de Azevedo e José Prudência.

Regressou de Coimbra, onde esteve alguns dias em tratamento, o distinto professor do nosso Liceu sr. dr. Antonio Albino Gomes Saraiva. S. Ex.<sup>a</sup> vem completamente restabelecido dos seus incomodos, com o que sinceramente nos congratulamos.

A IMPRENSA ITALIANA

Em 1922 e em 1929

REPRODUZIMOS DE «EL SOL»:

«Antes de 1922 a Imprensa Italiana distinguia-se por ser da melhor redigida de todo o mundo. O jornalista italiano caracterizava-se pela sua cultura e ao mesmo tempo pela amabilidade com que tratava de todos os problemas.

O antigo «Corriere della Sera» gozava em Italia duma autoridade, em politica internacional, semelhante á do «Times» em Inglaterra ou á do «Le Temps» em França.

Actualmente, os jornais italianos atravessam uma verdadeira crise de circulação. O «Messaggero», que em 1922 tinha uma tiragem de 150.000 exemplares, tira actualmente só 50.000. «Il Giornale d'Italia», que em igual periodo tinha uma tiragem 500.000 exemplares, vê esta reduzida na actualidade a 10.000 exemplares. O «Corriere della Sera» que em 1922 conseguiu alcançar a elevada tiragem de 700.000 exemplares, edita actualmente 300.000.

Antes de 1922, os 552 vendedores de jornais que há em Roma, vendiam, em média, 400.000 numeros por dia; actualmente a venda de jornais na capital italiana está reduzida a 140.000 por dia.»

Comissão Administrativa da Camara Municipal de Faro

Sendo frequente ouvir-se dizer que as receitas da Câmara são absorvidas pelos ajardinamentos e arborização da cidade, publicamos hoje uma nota sucinta das despesas, feitas no pelouro dos jardins, desde 1925 até ao fim de Março último—nota que obtivemos do vereador respectivo.

Como complemento, publicamos tambem o relato das obras executadas durante a administração da actual Comissão, para que os nossos leitores as possam cotejar com as despesas efectuadas.

NOTA DAS DESPEZAS

Anos	Designação	Importancias gastas na:			TOTAL
		Alameda	Jardim Manoel Bivar	Arborisação	
1924	Jornaes e mat. <sup>as</sup>	70.357\$84	5.099\$43	3.671\$35	79.128\$62
1925	Idem	69.199\$71	3.606\$12	6.028\$75	78.834\$58
1926	Idem	44.833\$08	7.671\$07	6.465\$18	58.969\$33
1927	Idem	112.480\$41(A)	34.131\$39(B)	8.041\$45	154.753\$25
1928	Idem	90.084\$29	12.913\$27	9.264\$35	112.261\$91
		387.055\$33	63.421\$28	33.471\$08	483.947\$69

A—Nesta importancia está compreendida a quantia de 40.000\$00 gasta com o material de rega, instalado em 1927, o qual se encontrava em divida á Repartição das Aguas, tendo sido pago em 1928.

B—Nesta importancia está compreendida a quantia de 10.000\$00, idem, idem, idem, idem.

No corrente ano (1929) completou-se a canalisação d'aguas na Alameda, que compreendeu as duas ruas lateraes,—a da esquerda até proximo da nora e a da direita até á Pêrgola, tendo-se colocada nove bocas de rega.

	1927	1928	1929
Janeyro			
Fevereiro	22.294\$52	29.750\$80	24.459\$39
Março			

Obras executadas:

Ajardinamento da placa da Praça Ferreira d'Almeida; ajardinamento do Largo da placa do Terreiro do Bispo e colocação d'un candeeiro; ajardinamento da placa do largo de S. Pedro; ajardinamento completo da Alameda João de Deus e aproveitamento perfuto do recinto destinado a viveiros pela divisão em canteiros com pequenos muros de alvenaria; ensaio neste viveiro, de arvores frutíferas seleccionadas; idem de morangueiros; plantação de hortaliças destinadas a fornecer gratuitamente o Hospital, Asilo de Santa Izabel Florinhas do Sul e Sopa Económica; arborisação da Rua do Liceu; acabamento da plantaçào de arvores na avenida 5 de Outubro; substituição de quasi todas as arvores interiores da mesma avenida, por terem secado; arborisação do Largo da Estação e construção de uma placa ajardinada com um candeeiro; arborisação e construção da placa ajardinada no Largo do Sol Posto; construção de quasi todas as valetas das placas relvadas do Jardim Manuel Bivar; arborisação da Praça Afonso III

Trabalhos executados na Alameda:

Traçado das ruas na: areas compreendidas entre os muros lateraes de vedação e rua principal, ajardinamento completo das placas que formam essas ruas, construção de dois tanques de azulejo hispano-arabe e colocação de duas figuras decorativas com repuxo nesses tanques; colocação de 4 repuchos em 4 canteiros; colocação do grupo «A raposa e o grou» num canteiro destinado a mosaico cultura; colocação de um novo repuxo no lago e melhor adaptação de outros lá existentes, colocação de um grupo de rãs com repuxo, num canteiro destinado a mosaico cultura, construção duma pequena rotunda junto deste canteiro com um alpendre a ser coberto por roseiras e para se collocar debaixo um banco de azulejo artistico; construção duma Pergola para aformoseamento e composição do largo fronteiro do Chalet, construção de canos com cinta para receber as aguas das chuvas, evitando assim inundações nos canteiros; construção de um urinol e 2 retores para homens e senhoras; re-produção em viveiros de algumas desenas de milhares de arvores e arvores e arbustos; reprodução em viveiros de muitas centenas de roseiras; aquisição em França de exemplares de flores que não existiam, plantação de muitas centenas de pés de violetas de diversas qualidades.

Automoveis e camionetes

São cada vez mais frequentes os desastres de automoveis e camionetes.

Precalços que sucedem sempre contra a previsão e desejo de todos, não nos compete a nós investigar das suas responsabilidades.

Convencidos, porém, de que a maioria destes lamentaveis incidentes não succederia com tanta frequência se se observassem determinadas condições, permitimo-nos lembrar a todos os «chauffeurs»:

- 1.º—Os automoveis não se fizeram para andar de vagar em pistas especiais ou quando o serviço que vão desempenhar é mais importante do que a probabilidade de um desastre; neste caso mesmo, ha alarmes especiais que não podem ter descanço;
- 2.º—Não entreguem o volante dos vossos carros a inexperientes senão em sitios onde não haja probabilidades de qualquer erro poder ter funestas consequências;
- 3.º—Tende o maior cuidado com os travões do vosso carro;
- 4.º—Não consentam a vosso lado individuos mais ou menos utilizados ou senhoras muito nervosas;
- 5.º—Tende sempre presente que todos os desastres se podem evitar.

Prudência

Uma parisiense encantadora cujo maior prazer é cercar-se de artistas, organizou, certa noite, um faustoso jantar. Entre os convidados havia dois académicos.

Um, segundo o seu hábito, chegou á hora marcada; o outro ás nove horas ainda não tinha chegado.

Esperavam no com toda a paciência, e, para matar o tempo, falavam a seu respeito e não lá muito bem...

—«Ah! não há duvida que ele não é como o senhor, acabou por dizer ao académico que estava presente a dona da casa. O senhor é a pontualidade em pessoa».

—«Vossa Excelência bem vê que tenho razão, respondeu o imortal; porque, se eu ainda aqui não estivesse, era com certeza de mim e não dele que estariam a lalar neste momento. (do Les Nouvelles Littéraires)

O Fascismo

A imprensa italiana defende hoje, na sua totalidade, o governo do sr. Mussolini.

Os próprios jornais que defendiam as doutrinas democráticas, como o «Corriere della Sera» e «Il Giornale d'Italia», são desde 1922 dirigidos e redigidos por fascistas notórios.

Bancos

Já neste ano da graça de 1929 abriram em Faro mais dois bancos.

Como a abertura dum banco depende da boa informação duma entidade oficial que, para a dar, atende unicamente ás necessidades do meio, este facto revela-nos que o badalar aterrizzante de crise, com que os meios comerciais nos enchem os ouvidos, tem o mesmo fundamento que os maus agoiros atribuidos ao crucitar arripiante dos mochos.

Não, o nosso comércio não atravessa nenhuma crise. O facto de vermos as lojas ás moscas, as queixas que por toda a parte se ouvem, tudo o que por aí a tal respeito se afirma, não tem, não pôde ter a significação e a verdade que geralmente se pensa... Porque a abertura dos novos bancos assim no-lo garante, congratulamo-nos com o facto, agradecendo a quem de direito a boa nova que ele nos traz, absolutamente inesperada.

Pensões riais

Uma velha publicação anuncia esta lista dos escritores pensionados por Luis XIV. Vê-se há como a importância da pensão era raras vezes proporcionada ao mérito e que o nome de mais de um dos autores favoritos do Grande Rei não conseguiu franquear o dominio dos séculos. Aqui está:

Pierre Corneille, 2.000 libras; Desmarests, 1.200; Corneille filho, 1000; Molière, 1000; Benserade, 1500; Pére Leconteur, 1500. o abade Cottin, 1200; Perrier, 800; Racine, 800; Chapelain, 3000; Mézeray, 4000; Perrault, 1500, etc.

Casa de Bilhares

Trespassa-se bem afregueuada, no ponto mais concorrido da cidade, ou vendem-se os seus bilhares, em estado de novos.

Trata-se na acreditada Casa das Manteigas da rua de Santo Antonio—Faro.

**Pianos** E TODOS OS INSTRUMENTOS DE METAL E CORDA fazem-se todas as reparações e afinações. Trabalho garantido. Informa-se nesta redação.

EDIÇÕES DA

Biblioteca de Educação Social

- I—OS ESCRAVOS DA GLEBA—por Jaime Ferreira Dias—1\$00.
  - II—O CAMARADA AGUSTO—por Alfredo Franco—1\$00.
  - III—PROGRAMA DO PARTIDO SOCIALISTA—Comentado largamente por Manuel José da Silva—1\$50.
  - IV—A MULHER—Escrava do Lar e das Convenções Sociais—por Jaime Ferreira Dias—1\$00.
- Pedidos á Biblioteca de Educação Social, rua do Alvito, 42—Lisboa.

"A IDEIA REPUBLICANA"

Vende-se em FARO na livraria de A. S. Capela, Rua D. Francisco Gomes, 40 e em OLHAO na sucursal da mesma livraria, Rua do Comercio, 38, agente de todos os jornaes, excepto do «Diario de Noticias». Recebem-se assinaturas e anuncios para este semanário.

20\$00

Fato pronto a vestir DA ALPAJATARJA de Ventura Gago Lopes Paisca FARO

Anuncio

No Tribunal Comercial da Comarca de Faro, cartorio do 1.º of.º correm editos de 10 dias, contados da segunda publicação, deste anuncio citando os credores da massa falida do comerciante destacidade Guilherme I. Canada para os termos da acção que o M.º P.º move, afim de ser dado como verificado o credito de 1495-74, importancia das custas duma execução por custas e selos que pelo cartorio do 3.º of.º da 3.ª vara comercial de Lisboa, o M.º P.º moveu contra o falido e ser considerado no rateio da massa falida.

Faro, 9 de Abril de 1929.

O Escrivão

Antonio de Sousa Ramos

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Francisco Carlos Soares

OCULOS, LUNETAS E LORGNONS

Em doublé-or, em doublé-or e celeloide, em celeloide, em nickel, em nickel e celeloide, em elektral, etc.

Grande deposito e em concorrência com as principaes casas de especialidades no Paiz, em preços, variedade e qualidade.

Vidros de 1.ª (crystal da Rocha) de todas as gradações e efeitos

Grande variedade em oculos protetores contra o sol e para automobilistas, em todas as côres.

Grande existencia e variedade de estojos finos e luxuosos para oculos e lunetas em aluminio, polido, forrado e gravado.

Envia-se com a maxima precisão e rapidez todo o requeituario oculista

Concertos em oculos, lunetas e lorgnons

Travessa REBELO DA SILVA, 1 e Rua de SANTO ANTONIO, 28 e 30 (junto ao consultorio de grande especialista em Ophtalmologia, Ex.º Sr. Dr. José Filipe Alvares).

DINIZ AMORES

FARO

647

OFICINA DE CANTEIRO E MARMORE

DE Manuel Rodrigues Palaré

CASA FUNDADA EM 1912

Execução de quaisquer obras concernentes a esta arte, tais como: jazigos, campas, letras em todos os tipos, marmores polidos, etc. Tambem se encarrega de cantarias para obras e trabalhos em grosso para pontes, nóras, lagados, etc.

Trabalho garantido. — Preços sem competencia

RUA CUNHA MATOS — FARO

**Quereis  
fazer seguros  
com a maior  
garantia?**

**Dirigi-vos a**

**Humberto Pacheco**

**Rua do Ouro, 191**

**LISBOA**

**ou em FARO**

**AO** \_\_\_\_\_

**Tenente Catarino**